

O TODO E O RESTO EM
PAULO VALVERDE ¹

Ruy Duarte de Carvalho ²

Não tive o privilégio de conhecer o Paulo Valverde e, tanto da figura como da sua actuação enquanto antropólogo, não detenho informação para além da que me forneceu *Máscara, Mato e Morte* e o brevíssimo olhar que tive tempo de deitar ao seu trabalho sobre “o discurso e as imagens da primitividade na literatura missionária”, mais alguns breves trechos de uma ou duas conversas com Luís Quintais.

É de um exterior quase pleno, pois, que posso atender à solicitação explícita de me deter, aqui e agora, sobre alguns dos aspectos revelados neste livro acerca do seu trabalho de terreno, matéria de que a exterioridade não pode andar (não anda nunca) muito arredada, como é sabido.

Da exterioridade missionária, e da sua consignação em texto, precisamente, terá o autor partido para a elaboração do seu próprio exercício de exterioridade em relação a tal matéria: um assumido texto interpretativo sobre imperativas interpretações alheias. Plenamente colocado no seu tempo teórico e metodológico, de mudança, de câmbios paradigmáticos, como é sublinhado no prefácio a este livro, é à sua colocação no universo das exaltações particulares da disciplina que me ocorre associar o rumo que a partir daí Paulo Valverde veio a dar à sua vida profissional, e pessoal. Ter-se-ia de qualquer forma imposto a passagem da crítica à experiência (atravessada pelo questionamento da própria experiência), da interpretação do texto alheio aos riscos da interpretação pessoal, incontornavelmente subjectiva e reveladora de si mesmo face aos desafios do empírico. Mas ele na verdade atreve-se desde o início a convocar para o seu caso todos os desafios e todas as exaltações que o terreno clássico comporta. Assume e incorpora a viagem, a prova e a miragem das latitudes a transgredir e a haver. Fá-lo dando expressão talvez, de novo segundo o prefácio, a uma “pré-experiência de fuga a implicações portuguesas” e a uma nova modalidade de “retorno à África lusófona”... São aspectos que retenho mas em que não vou deter-me agora. Da leitura sucinta que pude dedicar à colecção de

¹ Lido no lançamento do livro de Paulo Valverde, *Máscara, Mato e Morte: Textos para uma Etnografia de São Tomé*, no ISCTE em 17/01/2001.

² Escritor, antropólogo, cineasta. Professor Titular da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. Professor visitante da Universidade de Coimbra, Portugal.

textos que constitui este livro arrisco sobretudo que o terá sabido fazer sem se deixar condicionar por insidiosos sentimentos de culpa, por paternalismos ou por sentimentalidades de recurso, muitas vezes cínicos e paroquiais (e a que não se têm revelado imunes até muitas das melhores intenções), talvez exactamente porque opera, segundo o que me importa abordar aqui, chamando a si, para além da condição de intruso, comum a qualquer terreno, a de estranho e estrangeiro em terra agreste, a de branco em terra de negros, a de português numa recente ex-colónia portuguesa, a de *mucunha*, em suma.

Estou a deter-me nestes aspectos não para enaltecer a figura, e fornecer argumentos de homenagem, mas porque os materiais aqui reunidos extraem dessas condições, e dos confrontos que daí resultam, muita da substância que confere a este livro a qualidade de um excelente testemunho, e de uma por vezes vertiginosa e iluminada reflexão sobre o que é o trabalho de terreno encarado e admitido, sem reticências, como um risco, por vezes abismal, de existência.

É pois para o registo, o tratamento e o desenvolvimento interpretativo desses confrontos, alguns marcadamente reveladores tanto das condições que o cercam, e das situações em que se vê envolvido, como do seu próprio carácter de sujeito em situação, que me ocorre, desde o início, chamar a atenção. E eles são muitos. São o impacto das lógicas e das estratégias imediatas da sobrevivência mais básica do povo são-tomense, terreno que o interpela de forma muito frontalmente agressiva, e o despudor da quemanda, da chantagem até, rentabilidades aberrantes visadas pelo observado face ao antropólogo e pelo cidadão comum perante o estrangeiro, “sobretudo se é branco”, como ele próprio diz. É a monetarização invasora de “todas as acções e de todas as interacções humanas, a fetichização do dinheiro” que se impõe “como princípio fundamental da possibilidade da vida humana”. E é também a evidência que o assedia quando, no decurso de interacções mais cerradas, certas “tensões geralmente silenciadas” se revelam e manifestam, porque “alguma xenofobia e algum racismo” andam à solta. “Muitos são-tomenses estarão ainda a fazer o luto do colonialismo e da pós-independência e o branco”, assim, não pode deixar de ocorrer como “bode expiatório”. A lucidez irá ajudá-lo a mover-se em tais condições e uma adequada paciência, sabiamente instrumentalizada, revelar-se-á quando necessária. Mas o etnógrafo em situação não vai deixar também de permitir-se aquelas respostas que lhe serão ditadas pela espontaneidade do seu próprio carácter. À “pedinchice”, por exemplo, contraporá, quando pode, o seu “marketing da pelintrice”. E em situações francamente delicadas, quando “não querem ali bobô, estrangeiro”, ele não hesita em declarar sem reboço que “além de não querer criar ‘confusão’, não admite que lhe falem ao respeito”. Num destes textos alude, para nosso deleite, àquele dia em que lhe chamaram bicho por não tirar o boné à mesa: “mas eu, talvez por

obstinação, e porque gosto de ser assim, marco alguma diferença e, pelo visual, por uma estratégia que pode ser algo mal interpretada, faço a afirmação implícita de que não sou um imbecil reverente”. Esta uma das armas suas. Como o são também, e de outra forma, a sua gratificante capacidade para alçar-se a voos de uma grande complexidade reflexiva a partir de incidentes ou detalhes mínimos, de anedotas como as que acabo de referir, de retirar informação mesmo da exasperação, de nunca perder de vista a “incomensurabilidade da antropologia”, como a determinada altura anota, de saber extrair rendimento de tudo. Uma atenção, um alerta, uma vivacidade intelectuais constantes que lhe garantem, segundo a expressão que colho no prefácio, “a elevação silenciosa da sua visão da cultura local a um nível superior de abstracção”. Ora a este nível superior de abstracção não poderá deixar de corresponder, quanto a mim, a intervenção de uma outra arma ainda, importante entre as demais. É que a vigilância metodológica do autor é constante, a aferição de tudo quanto é visto, ouvido, observado, aos quadros teóricos e epistemológicos, e aos enquadramentos académicos que os sustentam e o sustentam a si mesmo, e ao seu projecto e ao seu trabalho.

“Pelos caminhos do *tchiloli* cheguei aos curandeiros e é um mundo fascinante”, revela a determinada altura. No prefácio a este livro pode ler-se que “a passagem do estudo do teatro ao estudo dos curandeiros é realmente um movimento lógico, que se efectua em continuidade”. Na continuidade teórica sem dúvida, mas não tanto, quanto a mim, na da prática do terreno e da sua percepção, apreensão e leitura. Se é para me deter no percurso do trabalho de terreno, não posso deixar de referir o sobressalto que certamente vai das tensões e das hesitações iniciais, comuns a todos, àquelas que acabam por revelar a marca do autor: o objecto de estudo em fuga, a determinação em preservar a privacidade pessoal a prejudicar o “acesso à intimidade das pessoas”. O risco, depois, de uma excessiva identificação com determinados grupos poder vir a bloquear a abertura de outros. Os critérios a introduzir quanto a montantes de pagamento, às negociações a desenvolver sobre reservas e estratégias ligadas à divulgação de nomes ou à preservação de anonimatos. Até às autocolocações e às angústias que sempre se renovam, sem dar descanso: das do “curioso mais ou menos ingénuo” colocado perante “a brevidade da presença [e a] inabilidade em saber colocar questões respondíveis” (quando não é “a impossibilidade axiomática de reduzir a experiência à linguagem”) e a “precaridade e [a] incerteza das estratégias de democratização etnográfica, da polivocalidade”, até às compensações e gratificações que ocorrem quando, por exemplo, as entrevistas começam a revelar-se fecundas, quando emerge um princípio fundamental, quando a percepção das complexidades e das multiplicidades se manifesta ou quando acaba por impor-se de que maneira a cedência em privacidade é compensada pela fertilidade dos reencontros e

pelo imprevisto de informações etnográficas preciosas. Ele está assim a dar notícia e testemunho do envolvimento dinâmico que há-de vir a colocá-lo em situações extremas, como a de entregar-se enquanto paciente, enquanto objecto operável, às diligências adivinhatórias e terapêuticas de um dos seus informantes: “Ontem, mais do que investigador, assumi o papel de quase cliente. Foi uma espécie de consulta colectiva familiar, o que foi reafirmado pelos tópicos dominantes da conversa, que passaram por referências a conhecidos, [e] a objectos como uma mota minha, que terá sido muito maltratada numa das minhas ausências de S. Tomé”.

Revela o prefácio que o autor, um ano após a sua chegada a S. Tomé, escreve a contar de que forma aquela ilha se lhe está a tornar “um projecto de vida, uma alegria, uma vontade de viver, uma firmeza que se dissipam mal chego a Portugal”. Em 22 de Junho de 1998, por outro lado, está ele a perguntar, numa carta dirigida a Luís Quintais, se, envolvido no seu trânsito pelo universo dos curandeiros, que o transporta, mesmo que a ironia prevaleça, a uma tranquilidade inesperada, a um mundo reencantado e inteligível, não será um facto que a cafrealização o toma. Ironia, quem duvida? O autor sabe sem sombra de hesitação que a sua integridade intelectual não está em perigo tal como não lhe terá por certo deixado de ocorrer que, implicado de outra forma o seu destino no dos seus próprios observados, por razões de ordem nacional, política e cívica, por exemplo, as mesmas informações e as mesmas observações haveriam, perante a crise, o desconcerto e a catástrofe confrangentes em S. Tomé, de remetê-lo a temáticas não menos dignas do que aquelas em que perseverou sem que viesse por isso a transformar-se num “pária dos trópicos”.

O autor não corre nesse aspecto qualquer risco, é inteira e lucidamente um homem de ciência e do seu tempo, os seus terrenos cognitivos são os de uma lógica interpretativa que convoca todo o cabedal de conhecimento disciplinar e ultradisciplinar para indagar acerca das expressões contextualizadas de eixos muito precisos e diversos do comportamento humano. Ele pode assim, aquando de um dos seus retornos a “África” (e aqui a viagem está a desempenhar a sua função no âmbito do trabalho de terreno), perante a luminosidade do mercado de S. Tomé e o espectáculo da presença de alguns dos seus informantes empenhados no exercício da sua vida de cidadãos comuns (e despojados das máscaras de oficiantes que os ocultam e revelam nas voltas de muitos cultos), ele pode assim garantir-se outro registo, outro momento da sua própria pessoa, e exultar na satisfação íntima de descobrir-se na posse de uma capacidade de leitura e de um capital de compreensão, entendimento, das correntes e das cadeias de interacção, e de viabilidade vital, de um mundo antes hermético, legível ainda assim mas na verdade impenetrável. É uma experiência poética, essa a que a dinâmica da interacção entre o observador e o observado pode

conduzir: o momento de uma crise absoluta de identidade em que as lógicas pessoais se descobrem rendidas à lógica local e donde se sai – tem que se sair – para uma recolocação radical da condição de observador (como observador recolocado, mas preservado observador).

Também em tais domínios, pois, este livro é revelador e se abre à revelação sem deixar de oferecer-se como um comentário rigoroso e fecundo à condição da etnografia nos tempos que continuam e continuarão a correr marcados, de uma forma ou de outra, pela tal revolução, ou pelo menos incomodidade, paradigmática. De facto, se a carta de Paulo Valverde dirigida ao Professor Pina Cabral em 5/III/1996 é uma introdução exemplar a aspectos incontornáveis ligados a implicações clássicas do trabalho de terreno, não deixam nunca de ouvir-se, na boca de cena ou a ecoar na rectaguarda, sonoridades mais chegadas à tónica das viragens em curso: validade da experiência, espacialidade, hiper-espço e deambulação das performances, itinerância dos terrenos, plurilocalidade/culturalidade, dialogismos, multivocalidades, etc. E quando o autor dá conta de que são afinal as “ansiedades radicais” do deslumbramento e do gongorismo pós-modernista (sem deslumbramento nenhum nem gongorismo, agora), aquelas a que os seus observados o expõem quando lhe colocam uma série de questões sobre a justificação da sua presença ali, poderá muito bem ter-lhe passado pela cabeça que à própria antropologia, para ver-se situada perante tais “ansiedades radicais”, só faltava mesmo que os antropólogos soubessem colocar-se abertamente a si mesmos as exactas questões que todos os observados lhes vinham desde sempre a pôr.

Referir ainda o valor literário intrínseco de muitas das passagens destes textos? Sabe-se que o autor, já na posse de tanto material acumulado, se haveria de ver, quando afinal já estava para desaparecer, perante a dificuldade de encontrar uma forma justa para a “produção” e para a disponibilização dos seus resultados. Não se trataria tanto, evidentemente, de acomodá-lo ao formato de uma monografia clássica quanto ao de uma hipótese que tivesse em conta o lugar que o texto passou entretanto a assumir abertamente, neste seu tempo, como questão teórica e como recurso. A fatalidade por um lado, e o zelo e o respeito dos seus amigos pelo outro, conduziram à forma adoptada neste livro, em que as notas se oferecem e se prestam às mais variadas explorações de leitura. É acompanhar, então, e ter em devida conta, a emergência e a evolução de alguns informantes/personagens e voltar atrás para reler o tratamento de certos percursos, encontros no escuro da noite, fronteiras e limites. São essas as páginas que assinam o todo, e o resto.

